

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

Em dias corridos, você já deve ter se perguntado como seria ter um tempo livre. E se dissermos que a origem grega da expressão “tempo livre” - ou “tempo de ócio” - remete à palavra skholé, a mesma utilizada para “escola”? Mas, afinal, o que a escola tem a ver com o tempo livre? TUDO! Se questionamos para que serve a filosofia, podemos estender essa mesma pergunta à matemática: para que servem a filosofia e a matemática? Para encontrar um tempo livre para resPIRAR! Muitos dirão: “Credo, eu tenho medo da matemática e da filosofia!” E se a matemática - não aquela que estamos acostumados na escola -, mas uma que partisse da ideia de tempo livre, fosse inventada por você, como ela seria? Suas medidas, suas relações com o tempo e



o espaço, suas organizações, escolhas, economias, relações do cotidiano e tantas outras ideias poderiam ser escritas como uma matemática - e por que não a sua matemática? Ela não acontece apenas com lápis e cadernos lotados de contas e números, para não falar das letras..., mas pode estar na maneira como passamos a admirar e filosofar sobre uma praça, o sol e até nós mesmos. E, para tudo isso acontecer, precisamos de quê?! De um tempo livre - aquele Skholé - com essas duas amigas: a matemática e a filosofia. Vamos juntos, entre a matemática e a filosofia?! Autores: Grupo de Pesquisa Skholé: educações e matemáticas e filosofias. (Bruno, Giba, Isabela, Marcos, Paola, Rafael).

**"ENCONTRAR UM
TEMPO LIVRE PARA
RESPIRAR"**

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

OLHAR POPULAR

Você já ouviu falar de algum Clube do Livro? Aqui, vamos compartilhar sobre uma experiência dessa natureza: um projeto da UNESPAR que representou uma pausa em meio à rotina corrida - um tempo só nosso, dedicado à leitura de textos variados, escolhidos de forma democrática. Nos encontros, atravessamos desde temas mais leves até os mais densos, passando por obras como Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, The Wicked + The Divine, de Kieron Gillen, Noite na Taverna, Coraline, Uma Ideia Toda Azul, Verity etc. A experiência de mediar os encontros nos levou a refletir sobre o ensino e sobre estratégias didáticas capazes de instigar o debate e promover o gosto pela leitura. O projeto envolveu diversas atividades: a criação de conteúdo no Instagram para divulgar o livro do encontro e estimular a participação da comunidade; discussões prévias em grupo para organizar a mediação de cada reunião. Sabe aquela



sensação de: “Como não pensei nisso antes?” Pois é, ela era frequente! Ao final de cada ciclo, gravávamos um podcast com o objetivo de ampliar o acesso à discussão e, quem sabe, tocar algum ouvinte por aí. O Clube impactou a vida de cada um de nós de formas diferentes. Passamos a nos interessar por novos autores e suas histórias, nos aprofundamos em temas sociais, trocamos ideias, risadas, emoções. Não foi apenas ler - foi trazer novos pontos de vista para nossas vidas e compartilhar experiências. Procure, crie, participe de um Clube do Livro. E desfrute! Mais informações: [@clubedolivrouv](https://www.instagram.com/clubedolivrouv). Autores: Kauane Veríssimo, Suellen Klein, Fernando Cordeiro.

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

POLÍTICA EM DEBATE

A palavra democracia quer dizer “poder/princípio do povo”. Em Atenas, onde surgiu essa palavra, ela indicava uma forma de governo em que os cidadãos participavam diretamente das decisões políticas, por meio das assembleias. Cidadania restrita já que não incluía mulheres, escravizados e estrangeiros. Na Contemporaneidade, embora inspirada na palavra grega, a democracia teve sua prática alterada: ampliou-se a cidadania e concentrou-se o poder nas mãos das elites econômicas. O “governo do povo” transformou-se em uma plutocracia, o “governo dos ricos”, em que as eleições muitas vezes fazem pouca diferença real. Ao focar a discussão democrática no voto e na liberdade individual, o regime democrático liberal oculta a dominação política e a exclusão social que estruturam a sociedade, baseando-se no discurso da meritocracia, por exemplo. Em países

periféricos e dependentes, como o Brasil, a política é conduzida contra os interesses nacionais, sob o signo das classes entreguistas que também controlam os meios de comunicação. A informação, assim, é moldada conforme seus interesses, alienando grande parte da população da realidade crua que a cerca. Nesse cenário, torna-se compreensível a perda da capacidade de ser ver representado politicamente - e é nesse ponto que esse modelo deturpado de democracia deixa de fazer sentido. Mas, se não é pelo voto que se altera o sistema... como fazemos a revolução? Autores: Yohana Almeida, Flávia Janaina Abuda, Thiago Stadler.



¡Viva La
REVOLUCIÓN!

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

VOCÊ CONHECE?

Por que pensamos da forma que pensamos? Um dos pensadores que mais contribuiu para essa reflexão foi Aníbal Quijano (1928–2018), sociólogo peruano e uma das vozes mais influentes do pensamento decolonial latino-americano. A obra “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” é leitura indispensável para compreender as estruturas de dominação herdadas do colonialismo. Quijano argumenta que a globalização contemporânea é a continuidade de um padrão mundial de poder colonial e eurocentrado, iniciado com a invasão das Américas. Um de seus aportes foi demonstrar como a ideia de “raça” - uma construção social criada para justificar a dominação - tornou-se um pilar duradouro na divisão internacional do trabalho. Essa lógica associou o trabalho forçado às populações racializadas, como indígenas e negros, enquanto os europeus se beneficiaram dessa exploração,



acumulando capital e poder. Além disso, Quijano denuncia o eurocentrismo como um sistema de conhecimento que inferioriza as culturas não europeias e impede que a América Latina compreenda a si mesma a partir de suas próprias referências. Sua crítica se estende também aos modelos de Estado e de revolução que, mesmo sob novas formas, continuam a reproduzir lógicas coloniais. Ao propor a descolonização do saber e do poder, Quijano nos convida a repensar a modernidade e a construir projetos emancipadores. Autores: Samuel Cardoso, Jean Tavares, Luís Santos, Guilherme Ferreira.

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

LABIRINTO

AUTORES:
GÍRGIA PAULA,
CAIQUE AUGUSTO.

S Z T S B E Z A E L H Y L F A N O N
L I R W E I D R R T H R M M I N O E
U Z S C H O P E N H A U E R S O F A
E E T N A R A N N I A P T I R E N O
A K F O A L O D S N E E M Q O N A E
A A S S S H R T T A P S A F U N E R
I T E P N E C N I Y I G O O T E H B
E B Y T N S C B C S C I S O E T O T
O E E R E E E O S C U T K T R R O N
S R T N L B U O N T R E S A P S K M
S E M E T U I H T N O T E H H C S D
I D O E E O H C S E L R E E A T M C

- FILÓSOFA CONHECIDA POR SUAS REFLEXÕES SOBRE O TOTALITARISMO E O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL.
- FILÓSOFO CONSIDERADO UM DOS FUNDADORES DO PESSIMISMO FILOSÓFICO.
- FILÓSOFO DO JARDIM, BUSCAVA A "ATARAXIA", OU SEJA, A AUSÊNCIA DE PERTURBAÇÃO OU INQUIETUDE.
- FILÓSOFO INFLUENCIADO POR HEGEL, MARX E LACAN, AUTOR DE "O SUBLIME OBJETO DA IDEOLOGIA.
- PSIQUIATRA MARTINICANO QUE TEM SUAS OBRAS VOLTADAS PARA O ANTI-COLONIALISMO E ANTI-IMPERALISMO.
- TEÓRICA E ATIVISTA DO FEMINISMO NEGRO, AUTORA DE "TUDO SOBRE O AMOR".

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

ARRUAÇA

Uma das obras de Antônio Bispo dos Santos é A Terra Dá, A Terra Quer, em que ele articula saberes ancestrais dos povos quilombolas com reflexões sobre territorialidade, identidade e resistência. O autor, um pensador quilombola, resgata os modos de vida tradicionais, contrapondo-os à lógica colonial e capitalista dominante, ao observar a realidade por outra perspectiva. Ele propõe um “contrapensamento”, uma forma de pensar que não reproduz os padrões eurocêntricos e hegemônicos, mas que parte da vivência e da oralidade dos povos do campo e da floresta. Com isso, defende que os conhecimentos de minorias devem ser reconhecidos e valorizados, incluindo a luta pela preservação dos territórios como expressão de vida, espiritualidade e cultura. Essa proposta é um gesto de insurgência epistêmica. Ao reivindicar um saber que nasce da terra, da escuta, do corpo e da coletividade, Antônio

Bispo desloca o olhar para além das formas dominantes de conhecimento. Seus escritos não apenas denunciam as violências do colonialismo e do capitalismo, mas também anunciam a possibilidade de outro mundo - um mundo em que o território não é mercadoria, mas morada, memória e futuro. Nesse sentido, sua obra é um convite a repensar o que é o conhecimento, quem o produz e a serviço de quem ele está. Enfim, Nego Bispo, como ficou conhecido, existiu, em vez de apenas resistir: sua propositura era a de um pensar autônomo, que reconhecia, por vezes, a palavra falada como forma legítima de conhecer. Autores: Carlos Schneider, Leonardo Bergamo, Rafaela Rodrigues.



FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

FILOSOFINHAS/OS

Imagine que você é uma ovelha, e seu rebanho não está satisfeito com o pastor. Sempre por perto, havia uma raposa, atenta ao descontentamento do grupo. Observando a situação, ela começou a pensar em uma maneira de tomar o controle do rebanho. Um dia, apareceu uma ovelha um tanto estranha propondo a derrubada do pastor e sugerindo que uma nova liderança fosse instaurada por uma das próprias ovelhas. Uma vez que o pastor foi destituído, a nova ovelha foi naturalmente escolhida como líder. Carismática, ela conversava com todos, o que facilitava sua influência sobre o rebanho. No entanto, com o tempo, começou a criar desavenças entre as ovelhas, acusando algumas de traição e levantando suspeitas sobre quem seriam as verdadeiras integrantes do grupo. Muitas foram expulsas e, assim que saíam, eram capturadas pela raposa. Conforme o tempo passava,



começaram a surgir dúvidas no rebanho. Então, a ovelha líder teve uma nova ideia: prometeu um lugar melhor - com pastos verdes e água fresca - mas afirmou que, para alcançá-lo, todos precisariam atravessar uma montanha coberta de neve. A travessia foi difícil. Muitas ovelhas morreram de fome e frio. Quando, enfim, chegaram ao suposto paraíso, descobriram que nada daquilo que havia sido prometido existia ali. Foi então que a ovelha líder revelou sua verdadeira identidade: era, na verdade, a raposa, disfarçada com pele de ovelha. Saltou sobre o rebanho e fez deles um banquete. E, então, o que você pensa sobre essa historinha? Autores: Islene, Jonas, Nico.

FAGULHA



EDIÇÃO N°10

@FAGULHA_JORNAL

30 JUNHO 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTOR: LEVI.